

## **EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTERÓIDES ANABOLIZANTES: RISCOS E DESEJOS NO LABIRINTO DOS ESPELHOS.**

**Simone Freitas Chaves**

Dra. UFRRJ - IM/ PPGEFUGF – LIRES.

**Nilda Teves Ferreira**

Dra. PPGEFUGF – LIRES – Laboratório do Imaginário e das Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer.

### **RESUMO**

*Esta pesquisa, resultado do processo de doutoramento, se propõe a investigar os sentidos dos usos de esteróides anabolizantes pelos graduandos de educação física. A análise dos discursos nos desvelou o esteróide como elixir que transporta a uma metamorfose corporal, deixando para trás uma condição negada de seus corpos. Para tal, a sua utilização se inscreve em duas dimensões: uma prometeica – em que se possui uma gestão racional do corpo; e a fáustica – em que a presença do risco não paralisa o mergulho em busca de uma imagem que não se consegue mais situar.*

*Palavras chave: corpo, imaginário social, esteróides anabolizantes.*

### **ABSTRACT**

*This is a doctor's degree research in which the author investigates the meanings of anabolic steroids uses among physical education undergraduates. The discourse analysis has revealed that the steroid is the elixir that leads to corporeal metamorphosis, getting rid of body's negative conditions. In order to do so, the use of the steroids is inscribed in two dimensions: a Promethean dimension – in which the subject has body's rational management; and a Faustian dimension – in which risk does not paralyze the dive in the quest of an image the subject can no longer locate.*

*Key words: body, social imaginary, anabolic steroids.*

### **RESUMEN**

*Esta investigación, resultado de un proceso de doctoramiento, se propone a pesquisar los significados de los usos de esteroides anabolizantes por los graduandos de educación física. El análisis de sus discursos nos reveló el esteróide como elixir que conduce a una metamorfosis corporal, dejando hacia atrás la condición negada de sus cuerpos. Para tal, su utilización se inscribe en dos dimensiones: una prometeica – en la que uno posee una gestión racional de su cuerpo; y la fáustica – en la que la presencia del riesgo no paralisa la búsqueda de una imagen que no se puede más situar.*

*Palabras clave: cuerpo, imaginario social, esteroides anabolizantes.*

As práticas sociais, notadas pelas formas de ver, compreender e agir com o corpo na contemporaneidade, entre elas a utilização de esteróides anabolizantes, têm se apresentado como sintoma de uma cultura de supervalorização da imagem, de transformação, intervenção corporal e da gestão de si através de substâncias que possam controlar, potencializar e extrair do corpo o máximo de eficácia. Observando o crescimento desta prática nos cursos de educação física, e certos, de que as motivações que se inscrevem e perpassam os corpos e o uso dos esteróides são múltiplas e distantes de serem apreendidas por uma lógica racional, buscamos os caminhos do imaginário social para

responder o problema central da pesquisa: quais os sentidos dos usos de esteróides anabolizantes pelos graduandos do curso de educação física?

Propomos a investigação de três questões: a) que sentidos matriciam a utilização de esteróides anabolizantes pelos graduandos de educação física? b) que representações de corpo subjazem no discurso dos graduandos usuários de esteróides anabolizantes c) quais os sentidos de dever que o acadêmico usuário de esteróides anabolizantes constrói acerca do corpo e da prática profissional em educação física? Os caminhos teóricos foram abertos pelos filósofos René Descartes e La Mettrie, com o intuito de percorrermos as representações de um corpo-máquina; o antropólogo francês Le Breton na visão contemporânea da manipulação e intervenção sobre o corpo e na esteira do filósofo francês Gilles Lipovetsky, buscando o desenho de uma ética contemporânea.

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi composta pela amostra de nove graduandos de educação física de três instituições de ensino privada e uma pública. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e analisadas sob a luz do referencial teórico-metodológico da análise do discurso na perspectiva de Eni P. Orlandi. Os discursos nos levaram ao enredamento dos sujeitos no labirinto de espelhos, metaforizado tanto pela ambiência das academias de musculação quanto por uma sociedade regida pelo imperativo da imagem, obsedada por um ideal quimérico de perfeição física. A beleza se transmuta no signo força, este ideal produz a fantasia da distinção social, da visibilidade, do reconhecimento dos pares e da sedução. O esteróide é o elixir que transporta a uma metamorfose corporal, deixando para trás uma condição negada de seus corpos. Os sujeitos da pesquisa reatualizam o mito de Narciso, mergulhando em busca da imagem desejada, idealizada. Neste jogo da vida, a morte é, a todo o momento, silenciada, ocultada, e se esquiva nas arestas dos discursos para em alguns momentos, trazer o sujeito de volta do torpor fáustico, quando justamente ela se impõe em toda a sua concretude, desvelando o que pode ser um dos grandes mistérios deste jogo das aparências: a negação da morte e da idéia de finitude: do corpo, da juventude, da beleza, da aparência.

### **CONVIDAMOS À CENA:**

Antes de encontrar a saída, Narciso havia se perdido em sua casa de espelhos. Não, ainda não fora tragado por eles, por sorte (?) não havia reconhecido a sua própria imagem. As que se apresentavam a ele, distanciavam-se de si, e seu referente talvez estivesse longe dali, quem sabe, por detrás do espelho, como no mundo encantado e idealizado por Alice<sup>1</sup>; de qualquer forma, ainda não o descobriria.

Atônito, em cada parede que se deparava, o espelho revelava-lhe algo disposto a negar. Não poderia ser dele aquela imagem de formas arredondadas que mal cabia nas dimensões do espelho; também não se encontrava neste gigante que o fitava, naquele corpo que parecia haver nada entre ossos e pele. Tanto mais as imagens se apresentavam em busca de cumplicidade, maior era o estranhamento e a fuga destes “outros”.

O passeio pelos espelhos começava a transformar-se em um labirinto de angústias; o que principiava de forma lúdica, exercitando o olhar com o diferente, divertindo-se com os opostos, experimentando as variadas formas do corpo como um jogo, caminhava para uma procura obstinada de uma imagem distante, imaginária, escondida por entre as paredes, guardada na verdade do espelho: Espelho, espelho meu, existe alguém mais forte do que eu?

Nossos narcisos repetem a pergunta profética realizada ao oráculo e reatualizam cotidianamente, em seus templos de halteres, a perene perseguição da beleza sob o signo da força. Rico em sua simbologia, o espelho, entre outros papéis, é guardião da verdade e

---

<sup>1</sup> Alice no País do Espelho de Lewis Carroll.

autor da revelação, o que lhe confere uma transcendência próxima ao sagrado. Na ambiência deste templo, cercada de espelhos, Narciso busca a revelação de si enxergando-se na verdade ostentada pelo próprio corpo, é este quem lhe confere o sentido de existência, visibilidade, distinção no grupo social, mas, acima de tudo, é esta imagem que alimenta a sua fantasia de onipotência.

“Ser forte”, esta é a imagem tão perseguida no labirinto de espelhos, que tanto nos cabe como metáfora de uma sociedade obsedada por imagens, tomada pelo consumo da aparência, produtora de desejos sociais insaciáveis, pois que continuamente realimentados e deslocados para um ideal quimérico. Quantos corpos fotografados nos *outdoors*, invejados nas telas e ostentados em todo o tipo de publicidade não subsistem somente sob a luz dos ângulos corretos, dos programas computadorizados, e das alquimias que permitem colocá-los em cena.

Reais ou ilusórios, concretos ou virtuais, não mais há espaço para a dúvida, a imagem é imperiosa, ela nos invade, o olhar percorre, analisa e mais do que se possam pensar, nos constitui. As imagens que o homem construiu são as mesmas que o aprisionam, lá na casa de espelhos, nos modelos que uma vez projetados, provocam milhares de ecos.

No coro destes ecos parecem habitar as representações que os nossos sujeitos constroem sobre o corpo. Enredados em uma ambiência que caracteriza o cenário de parte das academias de ginástica e musculação, os graduandos fazem circular uma representação de corpo pautada em um padrão, proposta por um estereótipo, reforçado pelas exigências do mercado de trabalho, responsável inclusive por critérios de empregabilidade, sobretudo nas academias. O capital corpo exaltado é o que agrega principalmente o valor força, ser forte é o passaporte de distinção para um grupo social regido pelo desejo de “ser grande”, “crescer” (especificamente no sentido muscular). É a tentativa de diferenciação que alimenta a transformação destes em “supermachos”, como adjetiva POPE (2000).

A referência a alguém que “está forte” também nos revelou um código de utilização dos esteróides anabolizantes, a força é o resultado da potencialização do corpo, em oposição ao termo “puro” que traduz “treinar” sem utilizar nenhuma substância, suplementos ou esteróides. Aqui percebemos a analogia do corpo humano com a máquina, a ser alimentada com recursos farmacológicos. Na repetição e rejeição cada vez mais freqüente à idéia de malhar puro, reside um sentido velado de fragilidade corporal e de negação da limitação do corpo natural. A fórmula da construção de super-homens tem embalado o imaginário deste grupo, convidando-os a perderem-se no labirinto de espelhos, nas palavras de um usuário de esteróides: por que ser um Clark Kent se eu posso ser um super-homem?

Na cumplicidade íntima do diálogo especular, nem sempre o espelho revela ao outro a verdade que se deseja ouvir. Enquanto a imagem refletida não vai de encontro ao corpo imaginado, os sujeitos a negam, envergonham-se e por vezes se escondem por detrás dela. O esteróide situa-se como divisor de eras, a morte da imagem negada, excluída, indiferenciada e o surgimento de uma nova identidade diretamente acoplada à realidade corporal. Os ecos dos espelhos são também as imagens negadas que continuam a perseguir na lembrança de negação, de ocultamento de um outro que deixou de existir, metamorfoseou-se.

A metamorfose corporal vivida pela utilização do esteróide não se traduz apenas na transformação da forma, ela produz a fantasia do renascimento, metamorfoseando a exclusão e a invisibilidade social pela distinção entre os pares e a evidência perante o público feminino. No diário de campo, a narrativa de uma prática comum entre o grupo, nos remete a esta dimensão: “o cara começa a tomar anabolizante e some, não vai à praia, não tira a camisa, ninguém o vê”, em seguida a explicação do porquê de tal comportamento, “para quando o cara aparecer causar impacto, ficar em evidência”.

Cerrados em seus casulos, os sujeitos aguardam a metamorfose da lagarta em borboleta, um doloroso processo de paciência e reclusão para o tempo necessário ao surgimento do novo corpo; quando rompem a clausura, deixam para trás a condição anterior para alçar o vôo da borboleta, nunca incólume, resplandecente e admirada. Inebriados com a beleza de suas asas e com o novo dom de voar, elevando-se acima de todos, logo esquecem a condição de lagartas.

Neste momento, o reencontro com a imagem desejada começa a se desenhar no retorno ao diálogo especular. A imagem vai ao seu encontro, seduz e entorpece provocando um namoro quase hipnótico; desta vez, a verdade do espelho começa a alimentar a expectativa do sujeito e favorece o surgimento do Narciso. O torpor e a paixão pela contemplação da própria imagem nos remetem ao mito de Narciso, “o mais belo dos mortais”, jovem dono de uma beleza ímpar que mobilizava de paixão todas as deusas, ninfas e jovens que dele se aproximavam. Este, porém permanecia insensível aos apelos de amor, um dos mais conhecidos, da deusa Eco, que desiludida definhou-se até transformar-se em rochedo.

Brandão (2005) faz alusão às interpretações de Narciso e Eco, em que os dois estabelecem relação dialética de opostos complementares, não somente do masculino e feminino, mas de sujeito e objeto, de algo que permanece em si mesmo e algo que permanece no outro. Os narcisos de nossa pesquisa deslizam entre as duas dimensões; no primeiro momento renascendo para despertar a admiração, o olhar do outro e a distinção em um determinado círculo social, ampliando os laços de sociabilidade, mas também alimentando a fantasia de sedução ao sexo oposto. Em um segundo momento, percebemos nossos narcisos deslocados para a contemplação de si, cultivando um modelo de corpo que, em muitas das vezes, desagrada ao público feminino, porém os satisfaz. A imagem deste corpo os alimenta levando-os ao contentamento e a contemplação de si mesmo.

Narciso aviltava e afrontava os próprios deuses, pois ultrapassava os limites humanos de beleza, por isso merecedor de punição. Temerosa pelo futuro de seu filho, dono de uma beleza tão perturbadora, Liríope consultou o mais célebre dos adivinhos para saber se ele viveria muitos anos; o velho Tierésias anunciou a sentença curta e profética: “se ele não se vir”. Narciso viveria longos anos desde que não se visse (Brandão, 2005, p. 176).

Esta sentença aguardava para ser cumprida quando Narciso, sedento, aproximou-se da fonte de Téspias e sobre o cristalino espelho d’água viu-se refletido. Sua imagem o capturou, embevecido e extasiado com a sua beleza apaixonou-se. Na casa de espelhos, que guarda uma profunda analogia com a água, pois também esta revela a verdade interrogada aos espíritos, nossos narcisos também se aproximam cada vez mais do mergulho. No momento em que a revelação do espelho acena para o corpo do desejo, envolto pelo labirinto especular e embriagados pela sedução da própria imagem, acontece o mergulho. Narciso é absorvido pela imagem e mergulha ao seu encontro.

Narciso já despertava preocupação. Na cultura grega, a beleza fora do comum assustava, pois arrastava o mortal para a *hýbris*, o excesso, o descomedimento, fazendo-o muitas vezes ultrapassar o *métron*, sua própria medida (Brandão, 2005). O mergulho na casa de espelhos o transporta para o labirinto, onde as imagens são fugidias, esquivam-se todo o tempo, estão aqui e ali, movem-se, não se permitem aprisionar. Tanto mais o labirinto reflete os fragmentos desta imagem, mais obstinada é a busca de Narciso em acorrentá-la, torná-la refém de si.

Como a inquietação grega previa, nossos Narcisos se perdem em busca da fantasia da imagem perfeita que o espelho ainda não lhes revela, ultrapassam seus limites, viajam na vertigem que intensifica a embriaguez do mergulho e os tornam distantes de si. A

imagem que os convidou ao mergulho é a mesma que se perde em sua produção imaginária do corpo perfeito.

O elixir da metamorfose é também o convite para a entrada/perdição no labirinto de espelhos, os esteróides anabolizantes. Encontramos duas dimensões envolvendo a utilização de tais substâncias por nossos narcisos; os sentidos envolvidos em cada uma, deslizam entre si, coabitam em todos os sujeitos, sobrepondo-se no predomínio de suas características, embora não representem uma relação de proporção inversa, tampouco opostas, apontam um dos tantos paradoxos encontrados em nosso problema que procuramos compreender sob o foco do imaginário.

A dimensão prometeica do uso do esteróide nos desvelou um panorama em que os sujeitos possuem o conhecimento como distinção. Desenvolveram uma competência teórica e prática para ministrar a droga, fazendo-o de forma extremamente cientificada e racional, procurando inclusive burlar os possíveis efeitos colaterais. Emerge a figura prometeica de controle e previsão do improvável jogo da vida, os sujeitos incorporam a fantasia de onipotência sobre si e da gestão otimizada do próprio corpo, como nos aponta Le Breton (2003) e Lipovetsky (1994). Consideramos esta dimensão como uma distinção característica da amostra da pesquisa, como graduandos do curso de educação física, os sujeitos parecem apresentar um nível de conhecimento que os distinguiria em relação a usuários comuns de esteróides, embora tal proposição esteja pautada nos discursos, achamos relevante a realização de um estudo comparativo.

Na dimensão fáustica, o controle e a onipotência na gestão racional do corpo se esvaecem frente à tentação do pacto com o esteróide, que arrasta os sujeitos para uma imagem ilusória, de um ideal que quando se mostra tangível já se metamorfoseou em muitos outros. A idéia da tentação permeia esta dimensão, tornando uma perene competição a busca pela imagem desejada, que torna tênue os limites entre tantas patologias, como por exemplo, o complexo de Adônis. Na dimensão fáustica, o conhecimento racional não paralisa a embriaguez do mergulho em busca da imagem ideal, neste jogo de vida e morte.

E assim pode-se cumprir a profecia, enquanto a dimensão prometeica for predominante, a busca da perfeição da imagem é controlada, racionalizada pela gestão do corpo e pelo limite consentido. Ao deslocar-se para uma dimensão fáustica, Narciso pode finalmente ver cumprida a sua profecia, em um mergulho cada vez mais profundo à vertigem e ao vórtice da imagem hercúlea.

Neste jogo da vida, a morte é, a todo o momento, silenciada, ocultada, e se esquia nas arestas dos discursos para em alguns momentos, trazer o sujeito de volta do torpor fáustico, quando justamente ela se impõe em toda a sua concretude, desvelando o que pode ser um dos grandes mistérios deste jogo das aparências: a negação da morte e da idéia de finitude: do corpo, da juventude, da beleza, da aparência. Quando o duelo não é mortal, freqüentemente conduz Narciso de volta à margem. Em outros casos, cumpre-se a profecia. Ao invés da saída, os Narcisos enredam-se no labirinto de espelhos acorrentados pelas imagens de seus simulacros.

A narrativa deste mito, que sob múltiplos enfoques, vem permeando o imaginário das sociedades contemporâneas nos grandes centros urbanos, não somente emergiu dos discursos dos sujeitos, como também nos serviu de metáfora para desvelar a cena da trama simbólica construída pela utilização dos esteróides anabolizantes pelos graduandos de educação física.

Uma das questões que nos perseguiram durante toda a pesquisa foi tocante aos sentidos de dever inerentes às práticas destes graduandos. Muito se têm debatido no cenário contemporâneo sobre a necessidade de fixação de limites, sejam eles de comportamento, científicos, religiosos; enfim, em toda a esfera planetária insurgem-se

discursos revitalizantes da ética, como nos diria nosso autor Lipovetsky (1994). A ciência, inextrincável da tecnologia, é protagonista de grandes destes embates, principalmente no que diz respeito à manipulação do corpo humano, seja em uma esfera macroscópica (transplantes, implantes, enxertos) até o nível das terapias genéticas e do proeminente campo da biotecnologia.

Um dos grandes desafios que nos impulsionou na pesquisa foi, a partir dos sentidos da utilização dos esteróides, compreender como se desenhava a ética inerente ao sentido de dever, para o grupo. A representação circulante no discurso tecnocientífico contemporâneo permeou a prática discursiva dos sujeitos, legitimando a possibilidade de intervenção e mutação corporal, ainda que submetido ao uso de substâncias interditas.

A fantasia de possuir um corpo forte com todos os sentidos de sucesso, virilidade, distinção e sedução que os sujeitos acreditam herdar, tem sido alimentada por um imaginário em que o homem se torna responsável pela sua anatomia. Este imaginário, que progressivamente se desloca do monopólio dos cientistas, foi mostrado, por exemplo, pela Escola de Samba Vila Isabel em 2007 e cantado nos versos: “quero sempre me superar, cruzar o céu, poder voar, remodelar o que Deus criou, brincando então de criador” (...).

A ambiência do curso de Educação Física não parece deflagrar ou mesmo estimular a utilização dos esteróides anabolizantes, embora encontramos um fértil imaginário de normalização desta prática. Com exceção de um dos sujeitos da pesquisa, todos os demais chegaram à graduação já fazendo uso destas substâncias. O que esperávamos, atuando por mais de uma década na graduação em educação física, é que, de alguma forma, a formação acadêmica interferisse nesta prática, levando os sujeitos a um processo de reflexão e comprometimento ético que impedisse o uso dos esteróides.

Para nossa surpresa, a Universidade foi em quase todo o tempo silenciada, desvelando-se somente na valorização do conhecimento, não raro utilizado para a otimização da gestão corporal da ingestão de substâncias farmacológicas. Também não coube a ela o convencimento para o grupo que se declarou não mais usuário da droga, entre os discursos e o diário de campo, percebemos que é na explicitação da morte, em todo o tempo ocultada, e na ameaça iminente da fragilidade humana que os sujeitos decidem retirar-se do jogo.

É na ambiência da academia, principalmente as que enfatizam a musculação, que o esteróide cai sobre o sujeito, o arrasta para a sedução da metamorfose. Neste espaço, o objetivo do trabalho é imperioso e a eficácia se mede pelo resultado. Enredados por esta ambiência e seduzidos pelas imagens projetadas na casa de espelhos os sujeitos operam regidos pela lógica da eficácia. Para além de uma ética coletiva, representada por exemplo pelo código de ética profissional, impõe-se a satisfação do indivíduo em termos de obrigação, como preconizava Lipovetsky (1994).

Um dos sentidos de dever desenhados pela pesquisa aponta para o atendimento competente ao cliente, pautado em conhecimento e em uma ação fundamentada, o que os distinguiria de pessoas leigas e não qualificadas. Interessante observar a veemência com que os sujeitos idealizam um profissional de educação física mais respeitado e com uma base científica que respalde a sua prática profissional. Este valor permanece quando envolve a utilização de esteróides.

Na ênfase discursiva dos sujeitos não percebemos uma preocupação com uma dimensão ética envolvida na utilização dos esteróides. Parece-nos que os ventos de uma moral com características individualista, hedonista e narcisista, ventilada em nosso cenário, têm se sobreposto, entronizando o indivíduo, sobretudo seu corpo, no centro das preocupações. O respeito à autonomia e liberdade do indivíduo com o próprio corpo são argumentos que impelem a um agir isento de responsabilidades por parte dos graduandos, todos já envolvidos no mercado de trabalho.

De certa forma, um valor permeia o imaginário deste grupo, a diferenciação entre os usos e práticas do corpo relacionados a si e àqueles dirigidos ao aluno/cliente. Existe uma preocupação em distanciar o que eles fazem com o próprio com o que prescrevem para os alunos. Se em alguns casos, esta afirmação se mostrou coerente com uma ética praticada no exercício profissional, em outros acreditamos não passar de um acordo de fala, quebrado nas contradições de outras passagens.

Em qualquer uma das cenas, o discurso “eu uso, mas não indico”, parece esvaziar-se, da mesma forma que os argumentos acadêmicos professados na Universidade, que acreditávamos serem eficazes para uma “tomada de consciência”. Como vimos, a imagem fala por si. Se o professor é um espelho para o aluno, metáfora tantas vezes recorrente nos discursos, é este quem lhe revela a verdade e lhe indica o caminho a ser percorrido. Na verdade do corpo do professor explicita-se o esteróide anabolizante.

Encontramos, nas formações discursivas, sentidos que acentuam uma diferenciação entre o professor e o profissional de educação física. Embora ainda graduandos, os sujeitos já se encontram envolvidos no mercado de trabalho das academias, espaço, que conforme discutimos, é, muitas vezes, regido pela eficácia na gestão funcional do corpo. É neste ambiente que se projeta a imagem do profissional como um técnico, possuidor de um conhecimento específico que leve o aluno a atingir os seus objetivos da forma mais eficaz possível; ainda que se necessite apresentar competências de relacionamento, como simpatia e extroversão. Cabe-nos ressaltar, que nas projeções dos sujeitos, a imagem física deste profissional se sobrepôs a qualquer outra competência para atuação no mercado das academias. É a partir do estereótipo do homem alto, forte e sarado que são elencadas quaisquer demais competências.

Se partirmos da premissa que o imaginário atua como uma trama simbólica, construída social e historicamente, responsável pelo enredamento do sujeito em um conjunto de valores, crenças e ideologias, que matricia ações e comportamentos instituindo representações circulantes no grupo social; veremos como a força de uma representação de corpo padrão, entronizada pelos sujeitos da pesquisa, pode se refletir na prática profissional, sob o risco de uma intervenção excludente e uniformizadora em torno de um modelo corporal. As marcas lingüísticas referentes ao gordinho/magrelho, corroboram com esta preocupação.

Ao ser exaltado, nas academias, o profissional técnico, cujo corpo represente um cartão de visitas do seu trabalho, parece-nos que mais uma via para a legitimação do uso do esteróide se abre. Sobre a figura do técnico espera-se resultado, distante do educador, de quem se cobra a educação, a responsabilidade de formação da cidadania, o que compreende uma consciência ética.

Encontramos duas imagens que parecem amalgamar as tensões vividas em torno da representação do profissional de educação física para o grupo. Na primeira delas, nos remetemos à escultura “o pensador” de Auguste Rodin, sintetizada pela busca do conhecimento, pela exaltação de uma prática respaldada, de um “saber o que está fazendo” e pela preocupação na resignificação da imagem do profissional de educação física, ainda estigmatizada socialmente.

A segunda imagem a que nos remetemos, emerge da polarização entre o profissional idealizado – o pensador, e aquele concreto, fruto das escolhas dos próprios sujeitos, representado pela imagem atlética do Discóbolo de Mirón.

Por fim, percebemos de um grupo dos sujeitos uma representação de demérito relativa ao professor que atua no magistério, preocupante na medida em que muitos profissionais cuja ênfase centra-se nas academias, procuram o magistério como ampliação de empregabilidade.

Temos percebido que muitos profissionais migram da área das academias para o exercício profissional nas escolas, pela exaustão de um modelo de corpo padrão que ao longo do tempo deixam de ostentar. Se o magistério for procurado somente pela perda do capital corpo da academia, poderá tornar-se o espaço de Sísifo, condenado ao martírio eterno de rolar uma pedra montanha acima, que mal chegado ao cume, voltava a descer, forçando-o a recomeçar a penosa tarefa. Se ao invés de evocar Eros, a prática profissional na escola for investida da penitência de Sísifo pode colaborar com a cristalização de um estigma em torno da profissão, construída pela má atuação profissional, em detrimento do comprometimento e da atuação político-pedagógica da educação física que tanto tem a contribuir com o olhar de um homem que se manifesta em sua corporeidade.

Ao final deste caminho, podemos dizer que em busca da fantasia da imagem perfeita, ideal, o desejo trai a razão. O discurso racional representado por todo o conhecimento agregado no curso de educação física, principalmente no que tange aos aspectos fisiológicos, perde espaço para a força do desejo. Também nós fomos traídos, os caminhos da razão nos deram subsídios para compreender o percurso das representações de corpo no discurso tecnocientífico contemporâneo; porém, a fala concreta e viva dos sujeitos da nossa pesquisa nos permitiram um embriagante mergulho nos desejos, que subvertem a razão e encontram vias para o seu êxtase.

Nossos pesquisados são sujeitos concretos da vida, dos desejos, dos erros, riscos, jogos. Para Descartes ser pensante equivale a ser consciente, o cogito e a consciência são idênticos. Freud nos ensina que o sujeito não é só cogito, algo o toma, o transforma, o move - o desejo. Por ser desejante, ele joga e se atira no labirinto de espelhos em busca de algo que a sua razão não consegue apreender. Há uma "distância" ontológica entre o homem/mulher dos outros animais, e essa ruptura não está restrita ao aspecto racional. Esta distância está no simbólico, um outro lugar do ser. Quando o homem perde sua capacidade simbólica, torna-se um animal - cai no limbo da loucura.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. I. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Mitologia grega**. Vol. II. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 18º ed. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- DESCARTES, René. Tratado do homem in **Descartes e sua concepção de homem** São Paulo: Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_. Discurso do método in **René Descartes** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- \_\_\_\_\_. Meditações in **René Descartes** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Oeuvres de Descartes**. Tome IX. Publiées par Ch. Adam & P. Tannery, Paris: 1987. p.14.
- GRANGER, Gilles-Gaston. Descartes e o nosso tempo. In **René Descartes**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- LA METTRIE. **O homem-máquina**. Lisboa: Estampa, 1982.
- LE BRETON, David. **Anthropologie du corps et modernité**. 3ª ed. Paris: PUF, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995a
- \_\_\_\_\_. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

- LIPOVETSKY, Gilles. **O Crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- POPE, Harrison G; PHILLIPS, Katharine, A.; OLIVARDIA, Roberto. **O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo**. Trad. Sérgio Teixeira. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- STEPHANIDES, Menelaus. **Prometeu**. Trad. Marylene P. Michael. São Paulo: Odysseus, 2001.

Simone Freitas Chaves  
Rua Álvares de Azevedo 76/404.  
Icaraí – Niterói – RJ.  
CEP: 24220-021.  
[chavessimone@terra.com.br](mailto:chavessimone@terra.com.br)  
[simonefreitaschaves@ufrj.br](mailto:simonefreitaschaves@ufrj.br)  
Nilda Teves – [tevesnilda@uol.com.br](mailto:tevesnilda@uol.com.br)